

06.2009



**Catarina  
Botelho**  
"Dias Úteis"

R. Anchieta, 31  
Até 18 Julho

# PARÁBOLAS DO CORPO

O ensaísta e tradutor João Barrento, no prefácio de *Parábolas e Fragmentos* de Kafka, apresenta a estrutura da parábola da seguinte maneira: "A etimologia grega do nome, que é também o da figura geométrica aberta, com dois braços, um eixo e um foco, implica que alguma coisa é colocada ao lado (*para-*) da outra, que o sentido é lançado (*-boléin*) para uma zona-outra, adjacente, inesperada, obscura".

A parábola (em torno do corpo) é como, e por impulso, numa só linha, conseguimos conter o trabalho de Catarina Botelho (Lisboa, 1982) que é agora reunido na sua segunda exposição individual e apresentado num prédio sem actividade no Chiado. Seguimos o desenho da parábola proposto por Barrento para aproximar a sua forma à prática de Botelho. O enunciado (um dos braços da curva) tem sido a constante e persistente concentração num determinado trabalho – fotografar (retratar) situações da sua intimidade –, o foco de convergência é a economia inerente às suas imagens, o eixo é a própria artista, a sua vida e trabalho; finalmente, a vertente de sentido (o outro braço espelhado) é produzida pela tensão que se gera em torno de dialécticas como arte/vida, presença/ausência, corpo/vazio, luz/sombra, etc. Uma realidade concreta, a das fotografias, é agora distribuída sensivelmente por uma casa: as imagens são colocadas em função das entradas de luz que descrevem. A intimidade das imagens povoa as divisões e o observador no trajecto de as descobrir é lançado para uma narrativa-outra. Os outros dois blocos de trabalho apresentados em "Dias Úteis", a série *Modo Funcionário de Viver* e o livro de artista *Termo de identidade e residência*, são também dispositivos curvos no seu processo (o registo diário de uma mesma existência) assim como na sua apresentação (uma divisão ladeada por imagens e um livro em harmónio). No texto do catálogo, a curadora da exposição, Filipa Valladares, convoca o género da *still life* como enquadramento a partir do qual podemos pensar o trabalho de Botelho. Acrescentaríamos que esta óptica não se circunscreve apenas às naturezas-mortas (fotografias sem pessoas), que nesta exposição se assumem de modo destemido, mas a toda a sua pesquisa visual. Uma toalha sobre a cadeira é tão ou mais corpo do que os corpos que estão em algumas imagens, ainda que ausentes, ou melhor, é sempre sobre o registo da memória do corpo que a artista se parece concentrar, produzindo "imagens do pensamento" + M.M.F.

